

A cidade e a infância e Os da minha rua:
memórias da infância em narrativas angolanas

Paula de Oliveira CORTINES (PG/FL - paulacortines@gmail.com)
Marilúcia Mendes RAMOS (D/FL - profamariluciaramos@gmail.com)

Palavras-chave: Angola; infância; Luandino; Ondjaki.

Introdução

Este estudo tem como objetivo a análise e compreensão das representações da infância na literatura angolana. É com esse intuito que tomaremos como objeto de estudo os livros de contos *A cidade e a infância* (1960, 2007), de José Luandino Vieira, e *Os da minha rua* (2007), de Ondjaki (Ndalú de Almeida). Cada um destes livros foi escrito e publicado em momentos diversos da história de Angola. Assim, é possível, por meio destes contos, e por meio da infância neles representada, analisar as mudanças ocorridas na sociedade angolana e na história daquele país ao longo de meio século.

Luandino Vieira é um escritor angolano nascido em Portugal, em 1935, mas que cresceu nos musseques de Luanda. Profundamente envolvido com a causa da Independência, só conquistada a novembro de 1975, frequentou a Casa dos Estudantes do Império e fez parte dos movimentos de luta pela libertação de Angola, em virtude do que foi preso pela PIDE por duas vezes. *A cidade e a infância* (1960) é seu primeiro livro, e seus dez contos foram escritos durante a década de 1950, período do movimento *Vamos descobrir Angola!*, cujos participantes ficaram conhecidos como *Geração de 50*.

Ondjaki é um jovem escritor e sociólogo angolano, nascido em 1977, em Luanda. A Angola de Ondjaki já não está mais sob domínio português, sendo um país socialista, apoiado pelos governos de Cuba e da URSS, e que desde o ano de sua Independência passa a viver o drama da guerra civil (1975-2002), cuja duração foi de 27 anos. Ondjaki nasce, portanto, em plena Guerra Civil Angolana e é esse o tempo de sua infância, período da vida retratado nos 22 contos que compõem o livro *Os da minha rua* (2007).

O que une os dois livros, de tempos tão distintos, é o fato de que ambos os escritores angolanos tematizaram em seus contos esse período da infância, como se discutirá nesta comunicação.

Material e métodos

Antonio Candido, em *Formação da Literatura Brasileira* (2006, p.25), afirma que a literatura é um sistema simbólico, gerado a partir do contato entre produtores literários, receptores (o público), e mecanismo transmissor (a linguagem), por meio do qual diferentes esferas da realidade podem ser interpretadas.

Dessa forma, a literatura, como representação da vida e dos anseios humanos está ligada à história. Torna-se, assim, espelho de dinâmicas sociais, ligando-se, indissociavelmente, aos eventos políticos e históricos que marcaram seu momento e, também, seu lugar de produção. A literatura angolana é exemplo dessa situação, pois suas origens e seu percurso são marcados e definidos pelos episódios da história daquele país, da dominação colonial à Guerra de Independência, da Guerra Civil aos dias atuais.

Fernando Costa Andrade, escritor angolano, afirma que a literatura de Angola

(...) nasce no centro de uma dramática realidade: o choque diário e violento de dois grupos profundamente antagônicos: colonizados e colonizadores. Trata-se de uma literatura que tem vincadas as características da clandestinidade através dum simbolismo procurado, ou duma linguagem directa ao leitor imediato, mensagem e apelo, palavra de ordem e consciencialização. (COSTA ANDRADE, 1985, p.45).

Opinião semelhante compartilha o sociólogo e professor Fernando Mourão (1978), para quem os períodos das principais fases da literatura angolana estão relacionados ao processo de colonização de Angola, demonstrando como a literatura e a história estão ligadas. Assim, a literatura angolana está em primeiro plano quando se busca entender os elementos de formação de Angola como nação.

Dessa forma, o estudo comparado da representação da infância em narrativas de escritores angolanos de diferentes gerações possibilita a compreensão de dois momentos complexos da história de Angola, atenuados pelas personagens infantis, através da literatura. Para Rita Chaves (2005, p.49), na literatura angolana, “a noção de passado aparecerá também em ligação com a infância, fase da vida em que o desenho da exclusão social se revela atenuado”, ao que Tania Macêdo, estudiosa da representação do espaço dos musseques de Luanda na literatura angolana, acrescenta:

Se a cidade de Luanda é o espaço privilegiado trilhado pela maioria dos textos ficcionais angolanos no pré e pós-independência, talvez poucas personagens possam exemplificar as transformações pelas quais passou o país e a literatura de Angola nos últimos cinquenta anos como as infantis, na medida em que as várias denominações que elas recebem são o indício dessas modificações, assim como a sua configuração, que indica novas formas de narrar. (MACÊDO, 2007, p.358).

Amparando nossas reflexões na crítica literária dessas estudiosas, dentre outros, estudaremos comparativamente as narrativas desses dois escritores angolanos na tentativa de delinear as transformações de Angola e de sua literatura, em um período que engloba colonialismo, guerra pela independência e guerra civil.

Resultados e discussão

Os contos de *A cidade e a infância* (1960), a maioria narrados em 3ª pessoa, apresentam uma infância definitivamente ligada à cidade, que remete às lembranças da mesma. Todos os contos têm como espaço a cidade de Luanda, em um tempo de diferenças, preconceitos e injustiças, mas anterior à guerra pela libertação de Angola do colonizador português. Essa cidade, além de ser espaço geográfico, é local de mescla e de ruptura. Pelos becos de seus musseques transitam os personagens criados pelo escritor, que são, majoritariamente, personagens que estão à margem da sociedade.

No conto que dá nome ao livro descortina-se a transformação de um menino em adulto e, em sua memória, “A infância aparecia diluída numa cidade de casas de pau-a-pique, zinco e luandos, à sombra de frescas mulembas onde negras lavavam a roupa e à noite se entregavam” (VIEIRA, 2007, p.58). No conto “O nascer do sol”, percebemos a descrição do tempo retratado nos contos do livro:

Naquele tempo já os meninos iam para a escola, lavados, na manhã lavada, de meias altas de escocês e sacolas de juta.
Era o tempo dos catetes no capim e das fogueiras no cacimbo. Da celestes e viúvas em gaiolas de bordão à porta de casas de pau-a-pique. As buganvílias floriam e havia no céu um azul tão arrogante que não se podia olhar.
Era o tempo da paz e do silêncio entre cubatas à sombra de mulembas. (VIEIRA, 2007, p. 29)

A guerra é mencionada uma única vez, apresentada nas páginas de um jornal. No entanto, a diferença entre brancos e negros e a distância que pode surgir entre companheiros de infância são temas presentes nos contos do livro. Ao se recorrer ao “antigamente da cidade” busca-se, contrapondo passado e presente, denunciar as injustiças que acompanharam as mudanças da cidade. (MACÊDO, 2006, p.182).

Portanto, em *A cidade e a infância*, é possível perceber, mesmo sem a presença constante e ameaçadora da guerra, indícios do sistema colonial, das divisões que ele provocou e dos sonhos que ele destruiu. A contraposição do tempo passado, o tempo da ficção, ao tempo presente configura, para a professora Tania Macêdo, a “evocação de um tempo mais feliz e não necessariamente de um sentimento saudosista, simplesmente” (MACÊDO, 2008, p.117). Busca-se expôr o que era e já não é, devido às injustiças e às mudanças que ocorrem na cidade de Luanda e na sociedade angolana.

Os contos de *Os da minha rua* (2007) são narrados por um mesmo personagem, o menino Ndalú. O espaço dos contos também é a cidade de Luanda. Entretanto, aqui, Luanda é uma cidade que se moderniza e que não representa um espaço de segregação, de luta e de resistência. É uma cidade que vive o socialismo e a guerra civil.

As referências a este conflito são escassas e sutis, ainda que as referências históricas estejam presentes e permeiem todo o texto: o socialismo, os cartões de abastecimento, o Presidente Agostinho Neto, os desfiles de 1º de maio, a retirada dos sul-africanos que ocupavam Angola, a cooperação com o bloco socialista.

As narrativas são marcadas pela saudade, pelo humor e pelas memórias afetivas da infância, onde o espaço da escola ganha destaque. É na escola que o menino lê o livro *Nós matamos o cão tinhoso*, do escritor moçambicano Luis Bernardo Honwana, quase sem conseguir segurar as lágrimas, e é lá, também, que tem contato com os professores cubanos, que lecionavam em Angola, devido à cooperação entre esses dois países. As imagens da escola são de um espaço de aprendizado e amizade.

O último conto do livro, “Palavras para o velho abacateiro”, descortina a passagem da infância para a idade adulta e descreve o sentimento do que é a infância:

(...) senti que despedir-me da minha casa era despedir-me dos meus pais, das minhas irmãs, da avó e era despedir-me de todos os outros: os da minha rua, senti que rua não era um conjunto de casas mas uma multidão de abraços, a minha rua, que sempre se chamou Fernão Mendes Pinto, nesse dia ficou espremida numa só palavra que quase me doía na boca se eu falasse com palavras de dizer: infância (ONDJAKI, 2007, p.145).

Conclusões

Relembrando o que diz Rita Chaves (2005, p. 49), sobre a relação entre o passado e a infância, podemos, refletindo sobre a escrita de Luandino Vieira e de Ondjaki, dizer que cada uma delas reflete seu momento de produção.

Assim, a representação da infância para cada um dos escritores ocorre de maneira diversa. Para Luandino Vieira a infância é uma forma de expressão e de resistência, de crítica ao modelo colonial e de suas conseqüências. Para Ondjaki a infância é leve e se mantém afastada ao máximo dos conflitos e dos problemas sociais.

Comum aos dois escritores há a representação da infância como uma época feliz, mesmo que vivida durante períodos difíceis. Concluimos com as palavras de Benjamin Abdalla Júnior, outro nome importante nos estudos das literaturas africanas de língua portuguesa:

A “tarefa” do escritor, dentro da sociedade angolana, seria assim de construir um objeto literário que deve propiciar ao “povo” não aquilo que ele já conhece, mas sobretudo uma sua compreensão mais profunda: a obra de arte como processo de reconhecimento sociocultural. (ABDALA JÚNIOR, 2007, p.108)

Referências bibliográficas

- ABDALA JR., Benjamin. *Literatura, história e política: literaturas de língua portuguesa no século XX*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2005.
- COSTA ANDRADE, Fernando. *Literatura angolana (opiniões)*. Lisboa: Edições 70, 1980.
- MACÊDO, Tania. *Luanda, cidade e literatura*. São Paulo: Editora Unesp; Luanda: Nzila, 2008.
- MACÊDO, Tania. Monandengues, pioneiros e catorzinhas: crianças de Angola. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania; VECCHIA, Rejane. (Org.). *A kinda e a misanga – encontros brasileiros com a literatura angolana*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Luanda: Nzila, 2007, pp. 357-373.
- MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque. *A sociedade angolana através da literatura*. São Paulo: Ática, 1978.
- ONDJAKI. *Os da minha rua*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.
- VIEIRA, José Luandino. *A cidade e a infância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.